

## O brincar profanatório das crianças aborteiras

María Antonella Barone<sup>1</sup>  
Alexsandro Rodrigues<sup>2</sup>  
Steferson Zanoni Roseiro<sup>3</sup>  
Pablo Cardozo Rocon<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente ensaio se coloca em uma atenção para as narrativas possíveis sobre aborto, a partir da perspectiva das crianças. Meninas obrigadas a gestar e parir. Violentadas por adultos. Aborto legal negado a elas. Mas também, crianças que irrompem criando rupturas nos essencialismos nos quais se sustenta o sistema binário e heterocisnormativo. Crianças que se resistem à infância que a modernidade produziu para elas. Crianças que problematizam as modalidades de tutela adulta que essa modernidade construiu. Crianças que se posicionam e interpelam a naturalização das maternidades forçadas e se colocam para abortar as infâncias produzidas para estas a partir de temáticas como autonomia corporal e práticas abortivas. Enquanto categoria analítica, afirmamos a criança que vai além das bordas estabelecidas para falar sobre aborto e, se pergunta sobre a possibilidade de pensá-la para além do corpo que gesta, profanando o aborto e o dizer sobre este para ela.

**Palavras-chave:** criança; narrativas aborteiras; aborto; profanação.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia (UFES). Doutoranda em Psicologia (UFC). Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Aborto (GEA-UFES), Linha de Pesquisa do Grupo de Estudo e Pesquisas em Sexualidades (GEPSS/UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2404-6818>. E-mail: antobaroneguzman@gmail.com

<sup>2</sup> Pós Doutor em Psicologia (UFF). Doutor em Educação (UFES). Professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisas em Sexualidades (GEPSS/UFES) e do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade (NEPS/UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5998-4978>. E-mail: xela\_alex@bol.com.br

<sup>3</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Professor da Rede Municipal de Ensino de Cariacica/ES e Prefeitura Municipal de Cariacica/ES – Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1424-2281>. E-mail: dinno\_sauro@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutor em Educação (UFES). Professor adjunto do Departamento de Saúde Coletiva (UFMT). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2696-5786>. E-mail: pablocardoz@gmail.com

Ensaíamos modos de profanar o aborto com as crianças. Com os elogios à profanação que propõe Giorgio Agamben (2007), percebemos o potencial aborteiro e profanatório que as narrativas das crianças possuem, no sentido de criar diversas transposições de sentidos para aquilo que é considerado sagrado.

Com o uso de um diário de bordo produzido no encontro com uma pesquisa crianceira, por nos importar os registros daquilo que nos toca, colocamo-nos em diálogo nas trocas com pessoas e situações que compuseram narrativas do incômodo que transbordam e demandam formas de olhar bem distintas para o aborto. Narrativas que desafiam nossos modos de fazer pesquisa e nos convidaram a abortar também algumas formas de abordagem sobre o aborto. As narrativas aborteiras e crianceiras com as quais trabalhamos exigiram de nós um tanto de disponibilidade para transitar caminhos inesperados e, ao invés de nos depararmos com trajetos certinhos e arrumados, fomos aceitando convites para os desviados e transbordantes.

### **Mas, afinal, o que é trabalhar com narrativas crianceiras?**

Como nossa pesquisa vai além das bordas estabelecidas para falar sobre o aborto (BARONE, 2022), trazemos para análise a possibilidade de pensar o aborto com as crianças, ou melhor dizendo, a partir de uma experiência crianceira que nos provoca a reviver o momento e ampliá-lo em discussões para além do tempo em que foi produzido. Porque fazer uma pesquisa crianceira envolve o exercício de fazer o tempo durar, prolongando e se arrastando em diferentes velocidades, revivendo memórias e dando a elas outras experimentações. Assim, nos somamos no exercício de “práticas crianceiras de pesquisa, as que sabem de seus limites, as que se esforçam em melhor compreender a complexidade do vivido e que estão abertas ao nascimento do novo e a presença do outro” (RODRIGUES et. al., 2019, p. 124). Não que, com isso, estejamos falando de crianças que teriam X ou Y idade. Também não é uma questão de

quantidade. Não se trata disso. Na pesquisa crianqueira, colocamo-nos em movimentos brincantes por meio de cenas, discursos e narrativas que nos convidam para abortar os modos nos que falamos sobre aborto. Há, deveras, uma criança que nos faz abortar muitas ideias preconcebidas de criança e de pesquisa; essa uma criança senta, pergunta algo, ouve atentamente e logo o mais some, dando à resposta outras possibilidades. Todavia, pouco importa a idade da criança, um nome para ela (fictício ou não). Enquanto experiência crianqueira, é sua passagem que nos arromba e força-nos a uma escrita até então desconhecida para nós. O encontro nos é forte, traça sobre nossos corpos uma outra experiência abortante. Marcamos essa presença em nosso diário de bordo e ali a experiência já ganha outros contorno, afinal, conforme apontam os autores, os exercícios crianqueiros acontecem em criação de mundos, em resistência e invenção de modos de vida, provocam outras afetações que se abrem para a outridade: abordagens e aproximações com outros tipos de interesses e de usos.

Assim, como estas proposições, assumimos um modo de fazer que possibilite o questionamento de identidades fixas e binárias na regulação de gênero e as suas conexões com o aborto. Apostamos nos modos de fazer que transbordam o “mais do mesmo” por meio de enunciados e gestos inéditos, ensejadores de novos mapas que abarquem as diferenças e refutem as normalizações.

### **Narrativas aborteiras e crianqueiras: coproduzindo analíticas**

As narrativas das crianças problematizam o que conhecemos sobre o aborto, a partir de posições cada vez mais complexas. Ao utilizar “narrativa”, nos referimos à perspectiva que oferece um campo privilegiado para conhecer outros olhares acerca do tema que nos ocupa. Porque as narrativas não procuram provar coisa nenhuma, senão que buscam abrir possibilidades para expressar um ponto de vista ou uma perspectiva,

sendo esta desde um lugar específico, situada em um tempo e um espaço determinado (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2005).

O conceito de “narrativa” se presta a uma multiplicidade de compreensões, dificultando uma definição acabada. Segundo Maura Striano (2012), a narrativa não é apenas um dispositivo de construção de sentido, embora historicamente tenhamos focado na narrativa como um produto individual. É necessário focar em seus processos, observando os artefatos culturais utilizados para produzir narrativas, os atores sociais envolvidos, as mudanças nas formas de interação, nos processos de negociação, etc. (STRIANO, 2012). Portanto, e de acordo com a perspectiva epistemológica que as sustenta, as narrativas que selecionamos não serão consideradas um material empírico que deva ser submetido a uma análise por meio de um procedimento teórico, mas uma produção narrativa situada de uma determinada perspectiva ética, estética e política acerca do aborto.

A perspectiva narrativa aponta que o mundo é atravessado por narrativas e narrações que têm um papel fundamental como construtoras de sentido. Walter Benjamin (1987) nos deixou algumas pistas para pensar na produção narrativa ou, nos seus termos: nas “políticas de narratividade”, como uma grande questão em torno da importância para a constituição do sujeito. Porque a história é tanto uma sucessão de acontecimentos, quanto ao relato que construímos em torno destes, como agentes narradores. Nessa concepção, algumas narrativas se tornam insurgentes na história. Benjamin (1987), ao propor a construção de uma história “a contrapelo”, reivindica a narrativa dos vencidos e perdedores da história, aqueles excluídos e esquecidos por esta.

Intervimos na construção narrativa e por isso consideramos que não há neutralidade nem objetividade possível nessa construção. Não obstante, isso não significa que toda narração é igualmente válida. Benjamin (1987) nos convida a questionar sobre a arte de contar a história frente aos jornais que (des)informam por meio de números e estatísticas, pedaços de subjetividade inclassificáveis. Desse modo,

as narrativas aparecem sempre inacabadas e inconclusas, sujeitas a novos inícios e descobrimentos, para serem reelaboradas e reinterpretadas. Por esse motivo, as narrativas não são uma produção individual e isolada, senão produções que questionam, nutrem, transformam, ironizam o contexto no qual são produzidas (PUJOL e MONTENEGRO, 2013). Constroem e articulam modos alternativos que irrompem no tecido social, disputam versões “tradicionais” e têm efeitos como produtoras de conhecimentos. As narrativas surgem como uma possibilidade de fazer uma reflexão crítica acerca do que foi produzido como “história oficial” ou “universal”, irrompendo e questionando as verdades dominantes para compor outros modos de pensar o nosso presente (BENJAMIN, 1987).

As narrativas aborteiras e crianceiras desde esta perspectiva, desafiam as produções e narrativas sobre aborto e oportunizam um conhecimento que aponta para parcialidade, localização, precariedade, destacando a multiplicidade, seja de vozes, perspectivas, realidades e significados sobre este assunto (HARAWAY, 1995). Versam sobre a multiplicidade de modos de sentir e pensar o aborto, provocando um certo incômodo, pois têm a capacidade de nos tirar do lugar e nos jogar para caminhos desviantes.

### **O brincar profanatório das crianças aborteiras**

Profanar, segundo Giorgio Agamben (2007), significaria aprender a brincar com as representações e fazer novos usos destas para transformá-las em outros meios. A dimensão do lúdico adquire um destaque no aspecto brincalhão proposto pelas narrativas aborteiras e crianceiras quando ironizam os assuntos colocados em questão, considerados sérios. Nesse sentido, nos somamos no exercício de práticas crianceiras e lúdicas de pesquisa que “nos faz olhar de novo para o que supúnhamos já saber e conhecer” (RODRIGUES et. al., 2019, p. 123).

Os aspectos que compõem o lúdico a partir do jogo, seguindo a Agamben (2007), possibilitam a emergência de um campo de desativação de algumas racionalidades, para dar passagem à criação de uma nova dimensão dos usos, a fim de transformá-las em meios para afirmar outras formas de viver e habitar o corpo:

As crianças, que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias. Um automóvel, uma arma de fogo, um contrato jurídico transforma-se improvisadamente em brinquedos. [...] E essa não significa descuido (nenhuma atenção resiste ao confronto com a da criança que brinca), mas uma nova dimensão do uso que crianças e filósofos conferem à humanidade (AGAMBEN, 2007, p. 60).

A respeito dessa outra dimensão dos usos que a criança inventa para situações que costumamos considerar sérias, nosso diário de bordo se faz presente. Depois de tudo, os saberes e a produção de conhecimento “é da ordem da vida vivida, é pelo movimento do conhecer que criamos mundos e modos de viver e pesquisar conhecer” (RODRIGUES et. al., 2019, p. 124). Trata-se de um encontro com as crianças no o VI Seminário das Humanidades - Cotaxé. No caso, particularmente a narrativa de uma criança que tem um tanto de aborteira, no sentido de irromper com a curiosidade das perguntas e o ensaio de respostas brincalhonas:

Não era parte das atividades programadas, mas as crianças gestionaram e organizaram uma oficina de espanhol. Efetivamente localizaram um dos organizadores e conseguiram introduzir a atividade que seria só para elas. Mas os horários ficariam apertados. Tínhamos roda de conversa sobre aborto. -Aborto? o que é isso? -, a criança perguntou. Tinha que dar uma resposta, então me dispus a ensaiar uma com ela: -É quando uma mulher fica grávida e não quer mais estar assim, grávida. Portanto ela procura ajuda para parar de ficar grávida. É como deter uma coisa que você não quer mais, tipo isso-. A criança só ouviu e saiu da sala onde aconteciam as oficinas. Logo, voltou me convidando para ir com ela na igreja; digo que não irei porque não gosto de ir para a igreja. Ao que responde: -também não gosto, vou dizer para minha mãe que também não vou. Vou abortar a missão de ir para a igreja-. E simplesmente saiu correndo da sala (Trecho do diário de bordo, novembro de 2021).

Foi assim que uma criança de aproximadamente sete anos nos convida para profanar os sentidos atribuídos ao aborto. Ela outorga outros usos para o termo, utilizando-o como verbo e criando outros significados para expressar aquilo que não quer mais fazer. Através desse encontro com a criança, no ensaio de uma conversa e na afirmação de algumas diferenças, se fez possível pensar em caminhos outros no fazer pesquisa. Concordamos com Alexsandro Rodrigues et al (2019, p. 124), quando assinala que as pesquisas que surgem com as crianças, “suscitam um cuidado metodológico com a memória e com a criação”.

Esse encontro potencializou a produção de conhecimentos crianceiros, no sentido de deslocamento para formas de produção de subjetividade que transbordam o que se pretende fixo e imutável. A criança conseguiu se apropriar de uma situação que a ela pretendia capturar e criou para si, uma fuga por meio da profanação. Colocou em funcionamento um sentido alternativo daquele atribuído para explicar de que se trataria a oficina. Seguindo as pistas de Agamben (2007), nisso consistiria a potência transformadora da profanação que configura novas experiências e sentidos para a vida e para o contexto:

Encontrar-se com uma criança é da ordem do tempo, da fragilidade e da criação de forças, de conversas, de bagunças e brincadeiras, e é exatamente isso o que nos faz ocupar essa escrita arisca. Com os limites de nossas apostas e intenções, com as frágeis metodologias de pesquisas e nossas formas de fazer, tecer e problematizar a produção que qualificamos por conhecimento, junto às (contra) metodologias desenvolvidas nos cotidianos, a multiplicidade e a complexidade dos saberes tecidos e (des)tecidos no plano de imanência da vida nos faz olhar de novo para o que supúnhamos já saber e conhecer (RODRIGUES et al., 2019, p. 123).

O encontro com a criança teve reverberações que transbordaram aquele Seminário, uma vez que compreendemos a potência aborteira que faz abortar determinados modos de falar sobre aborto. Aquela criança conseguiu transbordar qualquer método possível que se aplica para dizer alguma coisa sobre o tema. Conforme

aponta Rodrigues et. al. (2019), os exercícios crianceiros acontecem em criação de mundos, em resistência e invenção de modos de vida. Acordam outros afetos e afetações que abrem possíveis para a outridade: outras abordagens e aproximações com outros tipos de interesses e de usos.

Nesse sentido, Lian Boggam (2021), em exercícios crianceiros de pensar o mundo e os modos de habitar o corpo, expressa que se emociona ao ouvir uma criança de dez anos que se afirma uma criança trans e que deseja ser papai gestante sem que ninguém restrinja nem aniquile a sua existência. Narrativas do incômodo que as crianças nos oportunizam e que criam imagéticos nos que é possível pensar em um mundo por vir, muito diferente ao que conhecemos. Narrativas como essas só são possíveis porque tem gente disponível à escuta ativa e sensível. Pessoas dispostas a ouvir a linguagem do distinto que aciona outras paisagens de mundos plurais. Pessoas que se colocam na reinvenção de si junto com as crianças: um menino criou para si uma projeção de um modo de viver para ele, brincando com a ideia de se tornar um homem grávido, um homem pai, o que nos mostra que está se gestando um outro mundo, onde cabem todes.

Consideramos que a narrativas aborteiras da criança aqui apresentada permite a construção de um outro mundo onde o aborto seja considerado como outro resultado possível da gestação, assim como o aborto espontâneo e o nascimento. A criança, aparentemente crescida em uma família cristã, poderia argumentar e questionar sobre a gravidez, poderia alegar que a família dela não gosta disso, poderia dizer infinitas coisas ou, pelo menos, fazer cara de espanto. E, todavia, ao se encontrar com o aborto como um conceito, faz dele uma experiência brincante. Mas quais são os recursos que temos para conversar sobre aborto com as crianças?

Carly Manes e Emulsify (2021), duas mulheres estadunidenses que se autodenominam “doulas do aborto”, são autoras de um livro para crianças sobre o aborto titulado *What's an Abortion, Anyway? - Children's Book about Abortion*. “O que é



um aborto, afinal? - Um livro de sobre aborto para crianças” é um livro que trata sobre cuidados com o aborto. O projeto se gestou a partir da demanda das pessoas que atravessam a prática abortiva e desejam conversar com suas filhas e seus filhos, em relação ao que está se passando no corpo abortante. O livro apresentado mostra uma diversidade de formas de constituir famílias, assim como diversas formas de fazer o gênero. Podemos observar isto nas ilustrações, que narram histórias em relação a pessoas para as quais é vedado o direito de aparecer (BUTLER, 2015), pessoas que normalmente não veem suas histórias contadas. Por exemplo, na aparição de histórias que contam sobre a possibilidade de aborto de uma pessoa que não é mulher cisgênero.

O aborto pode ser um tema difícil de abordar entre os adultos, muito mais com as crianças. Como doulas do aborto, sabemos o quão importante é garantir que todos tenham os recursos necessários para ter conversas intencionais, compassivas e sem julgamento sobre os cuidados com o aborto com os mais novos da família. Até onde sabemos, atualmente não há livros publicados nos EUA que usem a palavra “aborto” para crianças menores de treze anos. Pais, cuidadores e provedores de saúde precisam e merecem um recurso sem julgamento, inclusivo de gênero e medicamento preciso para usar em discussões com crianças sobre aborto (MANESE EMULSIFY, tradução livre, 2021, s/p).

No Brasil, as pesquisas desenvolvidas em relação às mulheres e o aborto, estimam que quase oito de cada dez, se encontram maternando (PNA, 2016). A Pesquisa Nacional de Aborto, realizada pela Anis – Instituto de Bioética e Universidade de Brasília, mostra que 78% das mulheres que induzem o abortamento, já têm gestado, parido e estão exercendo cuidados de maternagem das suas crianças. Carregada de silêncios e omissões, a prática abortiva carrega sentidos que vão assujeitando as formas de entendê-la, e que fazem com que não possa ser falado naturalmente com as crianças -ainda quando seja a própria “mamãe” quem aborta-. Então, um processo de naturalização das práticas abortivas se faz necessária, quando pensamos em modos de

acessar à criação de subjetividades na qual o aborto seja uma prática possível (BARONE, 2018).

Sendo o aborto um evento comum na vida das pessoas para além do corpo que atravessa, a prática está em contato com as crianças, desejemos ou não. A questão é de que formas estas entram em contato com a temática. Assim, se torna necessário incorporar as concepções sobre gestações, gravidez e aborto que tenham a potencialidade de dar outros significados a estes eventos relacionados à (não) reprodução. Potencialidade não como certeza ou afirmação de que será assim ou que deva ser tal qual, mas potencialidade como abertura de possíveis, onde a experiência apenas permite que outros movimentos sejam traçados. Nas manifestações chamadas da “maré verde”, “onda verde” ou “pró-aborto”, em prol da legalização do aborto localizadas na Argentina, foi possível notar a presença das crianças e adolescentes. Débora Diniz (2018 s/p.) analisa que:

Ganharam as meninas. São elas que podem esperar para conquistar o “sim” à lei de legalização do aborto na Argentina. Falou-se em dois milhões de pessoas nas ruas de Buenos Aires – eu só vi meninas. Elas estavam em bando, colorindo-se umas às outras, cantando e rodando ao som de batucadas sobre a vida, a reprodução e a liberdade (...) Elas agora têm um passado em comum, uma memória (...) pois aprenderam como fazer política, descobriram-se nas multidões das ruas, criaram o próprio vocabulário de luta.

Esta narrativa traz uma série de simbolismos ligados a outro tipo de linguagem, por exemplo, as vinculadas com a dimensão estética. O “pañuelo” verde (lenço verde) foi amplamente disseminado como um modo de comunicar e mobilizar outras expressões em relação ao aborto. Assim, a emergência do signo de cor verde tomou tempos e espaços públicos, apresentando a transversalidade desse tema com a invenção de uma multiplicidade de signos que criam uma produção narrativa diferente. Produção que instala processos de subjetivação nos quais as crianças aparecem no espaço público com consignas de reivindicação de práticas abortivas. Suas presenças, brincantes,

indicam-nos caminhos possíveis de transformação de modos de pensar, entender e sentir esses eventos (não) reprodutivos.

É assim o agora? Temos já vivido essas experiências em terras tupiniquins? Ainda não. Contudo, o encontro com uma criança que dá ao aborto uma passagem criança coloca-nos a pensar que, talvez, as narrativas aborteiras não precisem ser apenas ditas entre sussurros, borrando, em muito, as barreiras do limite público/privado.

Como assinala Judith Butler (2015), quando os corpos em sua pluralidade aparecem no espaço público, se modulam emoções e se transformam, transformando também o próprio espaço. Porque não apenas se produzem momentos de subjetivação coletiva, mas também tendem a se manifestar como experiências estéticas: criam modos de dizer, nomear ou representar tanto o que está pedindo passagem quanto o que aconteceu e, ao fazê-lo, questionam e alteram as gramáticas já instaladas.

Esta estética, ligada à política, foi capaz de alcançar uma ampla disseminação de outras semióticas, de contra-imagens, como contra-narrativas ou contradispositivos (ALVIM, 2012), que “não cansam de inverter, recusar, reorganizar, perverter e recriar contra o funcionamento de suas relações de dominação. Ou então, um contradispositivo procede não apenas desregulando as engrenagens ou o hardware, mas cria máquinas e inventa plataformas” (ALVIM e RODRIGUES, 2016). Ao atentar para as narrativas que contradispositivam alguns mecanismos endurecidos em relação ao aborto, identificamos a necessidade de nos perguntar: o que pode uma criança em exercícios brincantes, profanatórios e aborteiros?

Alexsandro Rodrigues e Ileana Wenez (2018, p. 25) compõem narrativas em fabulações criancêiras, para produzir paisagens do cotidiano relacionado à prática abortiva como um evento comum na vida das pessoas: “Naquele tempo, nosso mundo se dividia entre pessoas adultas e crianças. (...). Mas isso não nos impedia de ver quando estas mulheres começavam a fazer suas colheitas com os segredos que guardam o corpo e no corpo”.

Com essa narrativa, as autoras colocam em funcionamento operações crianceiras que oportunizam relatos desde a perspectiva das crianças, no contato com o aborto das mulheres da sua família e os imaginários produzidos neste: “Não éramos levados o suficiente para tomarmos remédios amargos para a dor de barriga de mulher. Os homens como Gepeto ainda não apareciam em nossas infâncias com dor de barriga. Mas, os homens com dor de barriga, ficam para outra história!” (RODRIGUES e WENETZ, 2018, p. 26). Fazendo referência ao romance infanto-juvenil “As Aventuras de Pinóquio”, escrito pelo italiano Carlo Collodi e publicado no ano 1883; as autoras sugerem a possibilidade de um devir gestante dos homens trans com Gepetto e Pinóquio, personagens deste romance. Assinalam a potencialidade de determinadas narrativas que se colocam em práticas de reinvenção: “em sua capacidade biófila ao resistir as práticas necrófilas, a gestação, a maternagem e paternagem. Paternagem por que? Homens também engravidam. Não podemos esquecer. Gepeto, criador de Pinóquio, já nos ensinara sobre a condição de corpos e desejos homens em engravidar” (RODRIGUES e WENETZ, p. 22).

### **Considerações para seguir pensando**

Este ensaio trouxe à tona imagens como modo de crítica à necropolítica cotidiana que ronda determinados corpos que profanam o sagrado, dentre elas, às produzidas desde a perspectiva das crianças em contato com o aborto. Sobretudo, em contexto local, no interior de casa, incorporando o cotidiano da família, onde crianças, expertas e “à espreita”, se conectam com as vivências e os eventos que nestes ambientes acontecem. O ensaio conta esta história – um menino e o duplo aborto – que foi pensada desde a perspectiva da criança que forçou o encontro e das crianças que suscitaram, em nós, essa experiência. Por esse motivo consideramos que ali radica uma força aborteira e profanatória, no sentido de colocar as operações que as crianças fazem funcionar e que

nem sempre são habilitadas à hora de “falar sobre aborto”. Assim, as crianças (aquela e nós mesmos; fictícias e reais; memórias ou vindouras) transgridem e profanam o que pretende ser escondido e mantido em segredo para elas:

Depois do jantar, as mulheres de nossas vidas, mães e tias, porque todas viravam tias, nos colocavam para dormir e, na seqüência da tarefa, ofereciam uma dose do unguento amargo para quem estivesse com dor de barriga. Diziam umas às outras: “precisa tomar tudo isso até o momento em que a lua estiver no seu ponto alto. Aproveita que as crianças estarão dormindo e fique no banheiro o tempo que precisar. Terá muita cólica e uma diarreia avermelhada, parecendo cor de terra. Estaremos no quarto com as crianças. Se sentir muita cólica e não conseguir se agüentar com a dor na barriga e no corpo todo pode nos chamar. Estaremos aqui e não soltaremos a sua mão enquanto de nós precisar. Tinha noite que realmente ficávamos sozinhos em nossos quartos. Nossas mães e tias no banheiro permaneciam. Depois do chá que acalma a barriga de mulher que teve diarreia avermelhada, estas mulheres sorriam, se abraçavam e se despediam (RODRIGUES e WENETZ, 2018, p. 27).

Em contextos de família moderna, ocidentalizada e adultocêntrica, pode nos trazer uma sensação de tranquilidade acreditar que, mesmo a prática do aborto seja comum na vida das pessoas, manter as crianças à margem destes eventos, impede o contato e as afetações com estes. Cenas como as citadas dizem de encontros que profanando aborta tudo aquilo da ordem do proibido e inexperienciável. As crianças profanam o segredo e o silenciamento produzido em torno deste com suas audácias da imaginação. Elas, em atos de curiosidade e pesquisa, questionam e perguntam, desestabilizando toda evidência para, desde os interstícios, pensar e fabular o aborto desde outra perspectiva.

Então, são necessárias outras imagens e paisagens que se afastem da morte e do horror ao falar sobre o aborto e assim, aproximar às crianças outros imagéticos que possibilitem um acesso mais assertivo e mais vivível em relação com a prática. Não é assim que se faz quando as aproximamos às experiências de parto, por exemplo?

Acreditamos na potencialidade aborteira e profanatória das narrativas das crianças. Porque, invés da produção de mais regimes de verdade que endurecem nossos olhares e negam algumas existências, se colocam em pesquisa para a criação de outros regimes de sensibilidades na abordagem sobre o mundo, por isso, as crianças muito nos ensinam.

### Referências

- AGAMBEN, G. **Profanações**. Boitempo, 2007.
- ALVIM, D. M. O que é um contradispositivo? In: **Cadernos de Subjetividade** Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Org), 2012, p. 120-127.
- ALVIM, D. M.; RODRIGUES, A. Como cartografar resistências? Apontamentos sobre contradispositivo e criação. **Revista Lugar Comum**, n.º 48, p. 103-119, 2016.
- BARONE, M. A. **SENHORAS DE SI**: Problematizando as incidências das biopolíticas nos corpos que sangram e co-produzindo narrativas que (re)inventam a vida a partir da prática do aborto. [Dissertação de Mestrado] Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018, 161 p.
- BARONE, M. A. **Narrativas-trans-aborteiras**: o aborto desde uma perspectiva trans e uma aproximação queer/cuir. [Tese de Doutorado], Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo]. Vitória, 2022. 200 p.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas 1**: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura (3 ed.) [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. Brasiliense, 1987.
- BOGGAM, L. Presentación “Manual de servicios de aborto trans inclusivos” - Liam Boggan [Archivo de video] **Canal de Estudios Trans UBA**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iPj4jnfPTTM&ab\\_channel=EstudiosTransUBA](https://www.youtube.com/watch?v=iPj4jnfPTTM&ab_channel=EstudiosTransUBA) Acesso em outubro de 2022.
- BUTLER, J. **Notes toward a performative theory of assembly**. Harvard University Press, 2015.
- DINIZ, D. **Argentinas prometem retornar às eleições com rechaça aos políticos contrários ao aborto**. Revista Marie Claire. O globo. 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Debora-Diniz/noticia/2018/08/argentinas-prometem-retornar-e-leicoes-com-rechaca-aos-politicos-contrarios-ao-aborto.html>. Acesso em outubro de 2022.
- DINIZ, D.; MEDEIROS, M., MADEIRO, A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 2, p. 653-660, 2016.
- HARAWAY, D. **Ciencia, cyborgs y mujeres**. La reinvencción de la naturaleza. Cátedra, col. Feminismos, 1995.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Narrative Interviewing. In: Bauer, Martin W. y Gaskell, George D. (Eds.), **Qualitative Researching with Text, Image and Sound**. Sage, 2005, p. 57-74.
- MANES, C., EMULSIFY, M. **What's na Abortion, Anyway?** - Children's Book about Abortion. Coming Soon, 2021.

- PUJOL, J., MONTENEGRO, M. Producciones narrativas: una propuesta teórico-práctica para la investigación narrativa. In: RODRIGOU, M.; PAULÍN, H. (Orgs.) **Coloquios de investigación cualitativa: desafíos en la investigación como relación social**, 2013, p. 15-42.
- RODRIGUES, A., WENETZ, I. (2018). Ficções, fabulações e memórias de corpos que, sangrando juntos, dizem: ninguém solta a mão de ninguém. In: **Sangrias**. Barone, M.A.; Barros, B.S. (Orgs.). Editora Pedregulho, 2018, p. 21-34.
- RODRIGUES, A.; WENETZ, I. Corpos em Movimento: Políticas, Experiências e Métodos Possíveis - Apresentação. **Revista Brasileira de Estudos Da Homocultura**, v. 2, n. 6, p. 20–23, 2019. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2019.6.9949>
- RODRIGUES, A., ROCON, P. C., ROSEIRO, S. Z., & NODARI, V. A. F. Crianças em pesquisas que se arriscam, riscam e dão passagem a abordagens metodológicas brincantes. **Revista Brasileira de Estudos Da Homocultura**, v. 2, n. 6, p. 123–138, 2019. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2019.6.9956>
- STRIANO, M. Reconstructing narrative: A new paradigm for narrative research and practice. **Narrative Inquiry**, v. 22, n. 1, p. 147-154, 2012.

### **The profaning play of abortive children**

**Abstract:** This essay focuses on the possible narratives about abortion, from the perspective of children. Girls forced to gestate and give birth. Raped by adults. Legal abortion denied to them. But also, children who erupt creating ruptures in the essentialisms on which the binary and heterocisnormative system is sustained. Children who resist the childhood that modernity has produced for them. Children who problematize the modalities of adult guardianship that this modernity has built. Children who take a stand and challenge the naturalization of forced maternity wards and put themselves to abort the childhoods produced for them based on themes such as bodily autonomy and abortive practices. As an analytical category, we affirm the child who goes beyond the established borders to talk about abortion and, wonders about the possibility of thinking about it beyond the body that gestates, desecrating abortion and saying about it to her.

**Keywords:** child; abortifacient narratives; abortion; desecration.

**Recebido: 10/11/2022**

**Aceito: 06/02/2023**